



**Entrevista:
Pedro Karp Vasquez**

Paulo César Boni

A entrevista desta edição é com um dos mais cultos, versáteis e produtivos pesquisadores da fotografia brasileira: Pedro Karp Vasquez. Autor de mais de 20 livros, sendo o último Ferrovias e Fotografia (leia sobre essa obra na seção de resenhas), PKV – como é chamado pelos amigos – tem enormes contribuições na área de história da fotografia e, principalmente, no segmento de fotografia e memória. Neste ano, em que a fotografia comemora 170 anos de existência, desde que considerada como sua “certidão de nascimento” o anúncio do daguerreótipo, na França, em 19 de agosto de 1839, é uma honra para a Discursos Fotográficos – e um presente para os leitores – publicar a entrevista com um dos maiores pesquisadores e defensores da fotografia brasileira.



Pedro Karp Vasquez
Fotografia: Paulo Boni (Niterói - RJ, 10/05/2008)

Entrevista

Paulo Boni – Pedro, por que fotografia? Vocação ou oportunidade?

Pedro Vasquez – Nem uma coisa, nem outra. Fotografia, para mim, foi uma questão de carma, de predestinação. Eu nunca pensei especificamente em ser um fotógrafo profissional, embora tenha vivido eventualmente de fotografia. Comecei aos 16 anos, fazendo pôsteres e fotografias de primeira comunhão, mais tarde fui assistente de um

photógrafo de moda, fiz capas de discos e outros trabalhos comerciais e terminei como subeditor de fotografia do jornal *O Dia*, quando a editora era Cynthia Brito. Ou seja, em alguns momentos, estive profissionalmente ligado à fotografia, mas nunca desejei em primeiro lugar ser um fotógrafo profissional e sim empregar a fotografia como meio de expressão artística.

Comecei a aprender fotografia muito cedo, aos 13 anos, pois estudava numa escola experimental, o Centro Educacional de Niterói, e meu primeiro professor foi Luiz Carlos Brasil Barbosa. Naquele tempo, não existiam escolas de fotografia no Brasil, de modo que o caminho normal era aprender fotografia nos fotoclubes. Aqui em Niterói há um dos mais tradicionais do Brasil, a Sociedade Fluminense de Fotografia, onde fui aluno de Chico Nascimento, que era fotógrafo da revista *Manchete*. Por intermédio dele, tínhamos contato com o que estava acontecendo no mundo profissional. Depois fiz outro curso no Fotoclube Salesiano Niterói, com o professor Antonio Carlos Schott de Souza (já falecido).

Paulo Boni – Então, a Sociedade Fluminense de Fotografia e o Fotoclube Salesiano Niterói foram um bom começo...

Pedro Vasquez – Ah, foi. Todos os dois foram. Ambos obedeciam ao modelo clássico do fotoclubismo, integrados por amadores tecnicamente muito bem preparados. Amadores que chegavam a ser superiores a alguns profissionais, pois dispunham de tempo e recursos para o próprio aperfeiçoamento. Dr. Antonio Carlos, por exemplo, era médico veterinário. Nesses fotoclubes se reuniam profissionais liberais muito bem posicionados no mercado – médicos, engenheiros, arquitetos, pessoas que tinham oportunidade de viajar para o exterior, adquirir equipamento e publicações. Esta convivência e formação foram muito preciosas para mim e para todos que tiveram o mesmo histórico. Porque quase todos da minha geração, hoje na casa dos 50 anos de idade, ou aprenderam fotografia de forma improvisada, com algum parente ou amigo, ou estudaram num fotoclube.

Para mim, o fotoclube foi uma escola sensacional, até porque havia exposições mensais no próprio clube e você também participava de exposições nacionais e internacionais. Consta que um dos mestres maiores do gênero, José Oiticica Filho, tenha participado de mais de 500 salões. Um verdadeiro recorde. Ele estava em conexão com o mundo inteiro – Tchecoslováquia, Japão, Rússia... E só o fotoclube permitia naquele tempo uma circulação tão ampla de imagens.

Paulo Boni – O fotoclubismo influenciou gerações de fotógrafos. Influenciou você também?

Pedro Vasquez – Sim, e foi uma boa influência. Mas tinha um fator limitante – a linguagem. Eu já cheguei até a qualificar a linguagem do fotoclubismo de “esperanto fotográfico”, em virtude do excesso de padronização. Existia uma tendência natural de cópia daquilo que emplacava nos salões, do que era premiado aqui e ali, o que gerava uma uniformização da linguagem no mundo do fotoclubismo. Sem contar que essa linguagem pasteurizada do fotoclubismo era diferente da utilizada na imprensa ou pelos fotógrafos que empregavam a fotografia como expressão pessoal.

Paulo Boni – Pedro, como e quando você migrou dos fotoclubes para a Funarte?

Pedro Vasquez – Não houve essa passagem, pois só frequentei fotoclubes durante o período de aprendizado e ingressei na Funarte uma década mais tarde, depois de ter vivido inclusive cinco anos no exterior. Tudo é determinante. É curioso. O tempo que eu vivi na França foi determinante para que eu “descobrisse” o Brasil. Curiosamente, o mesmo aconteceu tanto com Gilberto Freyre e com Gilberto Ferrez. Ambos também descobriram o Brasil no exterior, cada qual num país. Gilberto Freyre descobriu o Brasil quando foi estudar nos Estados Unidos. Foi lá inclusive que ele começou a elaborar suas teorias a respeito da formação da sociedade brasileira que viria culminar no clássico *Casa-grande & Senzala*. Com o Gilberto Ferrez aconteceu

a mesma coisa – foi para a Inglaterra estudar inglês e quando lá estava decidi se dedicar ao estudo da história do Brasil. Comigo aconteceu a mesma coisa – fui estudar cinema em Paris e lá “descobri” o Brasil. Fui pra lá só com passagem de ida e mil dólares e acabei ficando cinco anos na França. Eu estudava na Sorbonne, que é uma universidade pública, e fazia limpeza para sobreviver, lavava vidraças, levava cachorros para passear, dava aulas de fotografia, pintava casas e outros pequenos trabalhos que aparecessem, até mesmo figuração em filmes. Foi uma experiência muito enriquecedora, porque me possibilitou conhecer verdadeiramente de dentro a sociedade francesa. Como eu não sabia quanto tempo iria conseguir ficar por lá com esse esquema precário, fiz um pacto comigo mesmo – iria assistir a um filme por dia, ler um livro e visitar duas exposições por semana enquanto permanecesse em Paris. E cheguei até a ultrapassar essas metas, num ritmo alucinante, mas foi ótimo. Aproveitei meu tempo o melhor possível e até hoje colho os frutos dessa experiência, sobretudo em minha função de tradutor.

Paulo Boni – Desculpe interrompê-lo, Pedro, mas e dinheiro para tudo isso?

Pedro Vasquez – Isso era muito fácil, pois eu trabalhava. Ganhava 10 francos por hora fazendo limpeza. Os cinemas eram relativamente baratos, porque o número de salas de exibição era muito grande. Os museus e galerias também eram baratos, ou até mesmo gratuitos em determinados dias da semana, pois a França sempre incentivou enormemente a cultura. Para comprar livros existia um esquema genial, que não sei se ainda existe, pois há anos não vou à França – eram as livrarias de ofertas, que não eram sebos. Elas vendiam encalhes ou livros com pequenos defeitos. Assim, pude comprar diversos livros de arte, principalmente de fotografia, pela metade do preço.

Veja como a fotografia foi mesmo um carma em minha vida – fui estudar cinema, mas cheguei na França na década de 70, justo no

momento em que a fotografia mundial começava a se organizar, e acabei sendo capturado pelo vórtice desse movimento. Foi então que surgiu na cidade de Arles aquele que permanece até hoje como o mais antigo e importante festival de fotografia do mundo – as *Rencontres Internationales de la Photographie*. Foi ali que me inspirei para criar depois a Semana Nacional de Fotografia da Funarte. Participei duas vezes das *Rencontres*. Inclusive cheguei a lançar meu primeiro livro lá, em 1976. No ano seguinte, voltei apenas para observar as oficinas e workshops. Ali vi muitas coisas que apliquei posteriormente aqui no Brasil no momento em que trabalhei na Funarte.

Paulo Boni – Trabalhando com fotografia, você teve problemas com o período da ditadura militar?

Pedro Vasquez – Não, mesmo porque eu tinha apenas nove anos em 1964 e quando sai do Brasil em 1974, aos dezenove anos, era estudante e fazia apenas pequenos bicos em fotografia. Quem realmente teve problemas foram os fotojornalistas. Para mim, pessoalmente, o maior problema era o clima social opressivo e a falta de circulação da informação. Havia uma censura muito grande na área cultural e poucas publicações eram importadas, e quando eram, tinham preço proibitivo, de modo que nós vivíamos um tanto quanto à margem dos acontecimentos. A única conexão internacional da fotografia era proporcionada pelas exposições realizadas pelos fotoclubes.

Paulo Boni – Vamos por etapas. Você disse que lançou seu primeiro livro em 1976, na França. Que livro é esse?

Pedro Vasquez – *A la recherche de l'Eu-dourado*, cujo título fazia uma brincadeira com o “Eldorado” mítico. Além de lançar o livro, fiz um workshop de fotografia fantástica com quatro grandes fotógrafos – Leslie Krims, Duane Michals, Paul de Noijer e Christian Vogt. Foi uma experiência muito legal e que inspirou muito meu próprio trabalho com a fotografia. Mais que isso – Duane Michals virou, muitos anos mais tarde, o objeto de pesquisa do meu mestrado.

Paulo Boni – Mas como você entrou na Funarte?

Pedro Vasquez – Se me permite, antes de falar da Funarte gostaria de falar um pouco mais da minha experiência francesa e da minha decepção com MAM, que era grande referência para mim antes de embarcar para a França. Meu sonho, quando voltasse, era trabalhar no MAM aqui do Rio. Minha fonte de inspiração para esse projeto foi a Biblioteca Nacional Francesa que abriu na década de 70 uma pequena galeria do outro lado da rue de Richelieu. Foi ali que vi os primeiros daguerreótipos, e todos aqueles outros processos antigos, que só havia visto em livros, mas nunca tinha visto de perto. Fiquei entusiasmado e decidi propor a criação de um gabinete de fotografia no MAM do Rio de Janeiro, quando voltasse para o Brasil. O problema é que, nesse meio-tempo, ele pegou fogo e meu sonho virou fumaça... Mas as pesquisas que fiz com essa finalidade foram muito úteis para a futura criação do Instituto Nacional de Fotografia.

Paulo Boni – Por quê?

Pedro Vasquez – Porque no momento em que tomei essa decisão, eu não me contentei mais em apenas ver fotografias, ver uma exposição, como as outras pessoas. Comecei a buscar um método próprio de pesquisa e a procurar galeristas e curadores para conversar. Fui à Biblioteca Nacional Francesa ver Jean-Claude Lemagny, que me recebeu muito bem, conversou longamente comigo e me deu preciosos conselhos e sugestões. Por sinal, vale a pena abrir um parêntese para dizer que nós brasileiros temos um preconceito bobo com os franceses. Nós costumamos achar os franceses arrogantes e antipáticos. Mas a verdade é que sempre fui muito bem recebido por todos os franceses que procurei. E isso apesar de, na época, ser apenas um moleque de 20 anos, de rabo de cavalo (o que ainda não era banal), e que sobrevivia na França fazendo limpeza. Em resumo – eu era um João-ninguém para eles, mas todos me receberam admiravelmente bem e me dedicaram tempo e atenção com grande generosidade.

Paulo Boni – E a Funarte?

Pedro Vasquez – Estamos chegando... Só queria complementar que quando ia ver uma exposição, levava um caderninho e anotava tudo. Quando vi a primeira exposição de Cartier-Bresson, anotei tudo sobre as fotografias, fiz esboços, tudo que pudesse me dar alguma ideia. Eu observava, inclusive, as pessoas vendo a exposição. Eu faço isso até hoje. Primeiro dou uma geral em toda a exposição, depois eu volto e examino em detalhes tudo o que me parece mais interessante, porém não contemplo apenas as obras, fico observando também as pessoas, a iluminação, o sistema de montagem e a receptividade da exposição. Ou seja, durante minha estada na França, fui me preparando metodologicamente, e assim o fiz durante três dos cinco anos que lá passei. Contudo, como já disse, quando aqui cheguei o MAM havia sofrido aquele incêndio... Mas como existe a lei da compensação, cheguei em junho e em agosto o Zeka Araújo criou o Núcleo de Fotografia da Funarte.

Paulo Boni – Estamos falando de que ano?

Pedro Vasquez – De 1979. Assim que cheguei, comecei a trabalhar numa revista chamada *Photo Camera*. Eu estava procurando trabalho e li na coluna do crítico de arte Roberto Pontual (no *Jornal do Brasil*) que esta revista estava para ser lançada. Fui até a editora, me apresentei e, por sorte, fui contratado. O primeiro número da revista saiu em julho de 1979. Em agosto, quando foi criado o Núcleo de Fotografia da Funarte, fiz uma grande entrevista com o Zeka Araújo, anunciando a criação do núcleo. Até então eu não conhecia o Zeka, nem a Funarte, que havia sido criada no período em que eu estava fora do Brasil. Fiquei entusiasmado e sempre divulguei o trabalho do Núcleo, não só na *Photo Camera*, que durou apenas um ano, mas também na *Veja* e na *Istoé*, na época em que eu tentei fazer crítica de fotografia na grande imprensa.

Quando Zeka Araújo saiu da Funarte, fui convidado a assumir o seu lugar. Eu não tinha trânsito político, nem pistolão, nem padrinho,

nada. Só fui chamado porque, graças a Deus, Mário Machado, o diretor na época, queria técnicos e não apadrinhados por políticos. Além de mim, ele contratou a Lélia Coelho Frota, grande especialista em cultura popular, que assumiu a direção do Instituto Nacional do Folclore. Eu mantive a mesma equipe do tempo do Zeka. Ninguém saiu e outros bons profissionais entraram para reforçar o time. Tive muito cuidado com a formação da equipe, pois uma coisa que eu sempre lamentei é a imbecilidade nacional de menosprezo dos técnicos capacitados em favor de pessoas despreparadas, porém nomeadas por interesses políticos. É uma vergonha nacional, que causa grande dano ao país em todos os setores. É evidente que os cargos deveriam ser sempre ocupados por técnicos de carreira, pelo sistema de meritocracia, como ocorre nos grandes museus dos Estados Unidos. Lá é normal um diretor de museu começar de baixo e ir subindo na carreira, cumprindo etapa por etapa e aprendendo tudo a respeito do trabalho. É o caso, por exemplo, de Peter Galassi, atual curador de fotografia do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, que começou como estagiário do célebre John Szarkowski.

Paulo Boni – E você conseguiu manter sua equipe meritória no Instituto Nacional de Fotografia?

Pedro Vasquez – Sim, pois o INFoto foi uma expansão do núcleo, por isso, boa parte da equipe já estava lá. A criação foi interessante, pois representou nadar contra a maré. Explico. A Funarte era uma espécie de conglomerado de instituições anteriores à sua criação, como a Campanha Nacional do Folclore, que existia há décadas e se transformou no Instituto Nacional do Folclore. Com o Instituto Nacional de Fotografia foi diferente. Ele não foi incorporado, e sim nasceu dentro da Funarte, mesmo contrariando orientações da Secretaria de Planejamento, que não desejava autorizar a criação de nenhuma instituição. Foi preciso provar a necessidade real e premente de criação de um novo instituto. E, assim, o Instituto Nacional da Fotografia nasceu em maio de 1984.

Paulo Boni – Pode-se considerar uma espécie de época áurea da fotografia?

Pedro Vasquez – No âmbito institucional, com certeza. Mas dessa época áurea sobrou apenas o Centro de Preservação de Santa Teresa. O Instituto Nacional de Fotografia foi destruído na Era Collor, que acabou com a Funarte e a substituiu pelo Instituto Brasileiro de Arte e Cultura. Depois a Funarte ressuscitou, mas o INFoto se dissipou pelo caminho, sendo reduzido ao que eles chamaram de “área de fotografia”, ou seja, retroagiu a uma condição inferior até mesmo à época do Núcleo. No Instituto Nacional da Fotografia, além do trabalho com a fotografia como meio de expressão, procurou-se na medida do possível apoiar as áreas mais diversas – o ensino; as ações dos fotógrafos para regulamentar a profissão; a luta pela redução da alíquota de importação de equipamentos e insumos fotográficos, que era da ordem de 300%; a defesa do crédito fotográfico. Viamo-nos obrigados a atuar em áreas amplas e, obviamente, fora da responsabilidade da Funarte. Mas fazíamos porque realmente éramos uma equipe muito idealista. Foi um momento muito bacana, durante o qual tive oportunidade de testar e aplicar muitas das ideias que delineei a partir de minha estada na França.

Paulo Boni – E como você se tornou um escritor, um historiador da fotografia?

Pedro Vasquez – Eu nunca havia pensado em fazer isso na vida. Comecei a escrever sobre história da fotografia, e o fiz – e continuo fazendo – com prazer e intensidade, porque percebi que os países em que a fotografia era mais forte, eram precisamente aqueles que melhor conheciam a própria história. Assim, meu pensamento foi o de contribuir, na medida das minhas possibilidades, para a consolidação do estudo da fotografia no Brasil.

Paulo Boni – E quais eram esses países?

Pedro Vasquez – Na década de 70, França, Inglaterra e Estados Unidos. Eram os países que mais tinham livros sobre sua história e

sobre a história mundial e local da fotografia. Foi por isso que eu comecei a escrever sobre a história da fotografia no Brasil, meio “sem querer, querendo”, como diz o Chaves, aquele personagem humorístico da televisão. Quando comecei pretendia escrever apenas um livro, focalizando a contribuição dada pelo imperador Pedro II para o desenvolvimento de nossa fotografia.

Paulo Boni – Este foi o primeiro livro que você produziu no Brasil?

Pedro Vasquez – Na área de história da fotografia, sim. Ele foi lançado em 1985 e para mim seria o único livro que eu iria produzir nessa área. Ele havia sido concebido com a finalidade de sinalizar uma carência e uma tendência e eu pensei que pararia por aí. Naquele momento, só duas pessoas escreviam regularmente sobre a história da fotografia – Gilberto Ferrez e Boris Kossoy. Gilberto Ferrez foi o grande precursor. Foi ele quem escreveu o primeiro artigo sobre a história da fotografia no Brasil, em 1950, mas publicado em 1953. Depois dele, veio Boris Kossoy, que inaugurou o estudo da fotografia no mundo universitário.

Paulo Boni – Pelo que entendi, esse não foi o seu primeiro livro no Brasil...

Pedro Vasquez – Não. Eu já havia publicado outros, como *Fotografia sem mistérios* e *Humphrey Bogart – o anjo de cara suja*. Eu pretendia fazer este livro para dar esta contribuição, como já havia feito com *Fotografia sem mistérios*, que era um manual técnico. Naquele tempo existiam alguns manuais de autores estrangeiros, mas faltava uma referência “tupiniquim” e esse livro veio suprir essa lacuna, trazendo um toque nacional. Minha preocupação era a de oferecer dicas de como obter efeitos em fotografia para quem não tinha dinheiro para comprar equipamentos e acessórios sofisticados. Depois fiz *Como fazer fotografia*, um livrinho de bolso, lançado pela Vozes. Este não ensinava a fotografar e sim como entrar no mercado de trabalho. Trazia

informações sobre direitos autorais, autorização de uso de imagem, como montar um portfólio etc. Era um manualzinho para as pessoas se colocarem no mercado. O que eu estava fazendo eram livros de serviço, como se fosse uma prestação de serviço à sociedade, e *Dom Pedro II e a fotografia no Brasil* nasceu desse bojo. Depois disso, no mesmo estilo Chaves, do “sem querer querendo”, acabei produzindo outros e mais outros...

Paulo Boni – Até onde sei, pelo conjunto da obra, o senhor é o principal autor do país em livros que resgatam acervos históricos e patrimoniais...

Pedro Vasquez – Seria muita pretensão de minha parte dizer que sou o principal. Posso ser o autor com mais livros publicados, porém não o principal. Para mim o principal é Boris Kossoy, autor que trabalha com metodologia acadêmica. Kossoy enveredou pela carreira acadêmica e se tornou a principal referência universitária do país. Dentro da academia ele é realmente o principal. Além de ter feito mestrado, doutorado e prestar a livre docência, ele assegurou um lugar de destaque para a fotografia no meio acadêmico, o que é muito importante. E eu continuei na linha de Gilberto Ferrez, de divulgação da fotografia junto ao grande público. Na verdade, sou uma espécie de discípulo dele. O Gilberto trabalhava fora da academia, mas publicava seus livros por intermédio de instituições culturais como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, chegando então a um público restrito nos primeiros tempos. Mas foi expandindo esse público até conseguir grande sucesso popular com obras como *O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez*, a obra de maior sucesso no gênero. Portanto, Gilberto e Kossoy são autores mais importantes do que eu. Gilberto Ferrez abriu caminho junto ao grande público e foi um grande formador de mentalidades. Todos aqueles que produziram algo sobre fotografia no Brasil dentro de uma perspectiva histórica devem alguma coisa a ele. Por outro lado, Kossoy teve o mérito de levar a fotografia para a academia, de modo que todos que produziram uma dissertação ou

tese sobre fotografia nas duas ou três últimas décadas devem alguma coisa a ele. Quanto a mim, o que fiz foi expandir o referido trabalho de Gilberto Ferrez de sensibilização do grande público para a fotografia.

Paulo Boni – E conseguiu?

Pedro Vasquez – Creio que sim, na medida em que todos os meus grandes livros ilustrados acabaram esgotados e eu me preocupo em fazer também livros mais baratos, acessíveis aos estudantes, como os livros de bolso. *Fotografia – reflexos e reflexões*, que saiu pela L&PM, a maior editora de livros de bolso do país. E, recentemente, publiquei *Fotografia no Império*, pela Zahar, para continuar oferecendo opções de compra aos estudantes. Sempre insisti em fazer livros de bolso, que é para caber no bolso dos estudantes, nos dois sentidos. Desde *Dom Pedro II* eu já havia solicitado ao editor para fazer uma versão de bolso, pois a versão original, de capa dura, no formato 30 x 30 cm e impressão em quatro cores era muito cara. Apesar de esgotado, continua sendo um livro caro, vendido em sebos ou em leilões, o que significa que o estudante-padrão está totalmente alheio a este livro. Mas caso existisse uma versãozinha em formato bolso, ele teria possibilidade de adquiri-lo.

Paulo Boni – Há condições de produzir livros baratos no Brasil?

Pedro Vasquez – Se houver boa vontade, há. É claro que eles não terão a mesma qualidade dos livros ditos “de arte”, mas o importante, nesse caso, é o conteúdo e não a forma. Eu quero fazer livros baratos, quero fazer livros que custem mais ou menos o que custou o primeiro livro que eu comprei na França, o equivalente a uma entrada de cinema. É isso que eu quero fazer. O diferencial que tenho em relação ao Gilberto Ferrez e ao Boris Kossoy é este – visar o grande público. As exposições que eu organizo também têm a finalidade de atingir o grande público – crianças, adolescentes, adultos, pessoas comuns. É por isso que diversas delas têm, inclusive, um viés didático, pois me preocupo muito com a formação *de* público e *do* público. É

preciso encher os museus e os centros culturais de visitantes, caso contrário eles perdem tanto o respaldo financeiro quanto o político.

Paulo Boni – Apesar da extensão e importância de sua obra, o senhor é um autor pouco citado. O senhor também percebe isso?

Pedro Vasquez – Honestamente, não sei. Não sei dizer se sou ou se não sou citado principalmente porque eu não me preocupo com essa questão. Eu nunca dei um Google em mim mesmo ou fiz qualquer levantamento do gênero. Você quer dizer citado no meio acadêmico, não é?

Paulo Boni – Exato.

Pedro Vasquez – Talvez isso se deva ao fato de eu haver feito um esforço voluntário e não acadêmico de publicação. Por uma circunstância de vida, num determinado momento, fiz Mestrado em Ciência da Arte, na Universidade Federal Fluminense, mas não me tornei um professor profissional. Costumo dar aulas episodicamente, porém não tenho vínculo com nenhuma instituição de ensino. Já faz dez anos que dou aulas no curso de Especialização em Fotografia da Universidade Candido Mendes, mas apenas como conferencista externo. Acho que o fato de eu atuar em áreas muito distintas entre si possa ter influenciado para esse fato de ser pouco citado na academia.

Paulo Boni – A vida acadêmica não o atraiu?

Pedro Vasquez – Nunca foi meu projeto de vida. De uma forma ou de outra, eu sempre participo da academia, mas nunca desenvolvi uma “vida acadêmica”. Pessoas do ambiente universitário me procuram e eu sempre as atendo. Nos meus livros, tenho sempre a preocupação em oferecer alguma informação nova que acaba sendo incorporada por outros autores. Ou em esclarecer ou aprofundar certas questões. O caso mais eloquente foi o relativo ao resgate do papel exercido por Dom Pedro II para o desenvolvimento da fotografia e, inclusive, sua condição de primeiro fotógrafo de nacionalidade brasileira. Mas fui

também o primeiro a comprovar que George Leuzinger havia sido fotógrafo, enquanto se acreditava que ele se limitava apenas a comercializar fotografias. Em suma, sempre me preocupei em dar algum tipo de contribuição para o entendimento de nossa história e não apenas da história da fotografia propriamente dita.

Paulo Boni – E tem dado. Como pesquisador de fotografia e memória, sou testemunha disso.

Pedro Vasquez – Bem, alguma coisinha a gente sempre deixa. Outro trabalho que eu, particularmente, acho interessante é *Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX*, lançado em 2000. Até então, ninguém havia produzido uma obra com um enfoque semelhante, salientando a valiosa contribuição dos alemães para a fotografia brasileira. E os alemães foram fundamentais, provavelmente a nacionalidade que mais contribuiu para a fotografia brasileira no século XIX.

Paulo Boni – Apesar de não haver enveredado pela vida acadêmica, o senhor prima pela pesquisa...

Pedro Vasquez – Se novas contribuições para a história caracterizar pesquisa, então eu primo pela pesquisa.

Paulo Boni – Somar novos conhecimentos aos já existentes é a essência da pesquisa...

Pedro Vasquez – Então, é possível dizer que estou no caminho. Em qualquer livro que faço, minha principal preocupação é trazer alguma informação nova, algum esclarecimento. No *Álbum da Estrada União e Indústria*, lançado em 1998, compilei e reconstruí a obra de Revert Henrique Klumb, reunindo os três álbuns de sua autoria com fotografias da estrada, selecionei as melhores fotografias e reconstitui esse percurso. Reconstruí porque o pequeno livro produzido pelo Klumb (*Doze horas em diligência*) não traz fotografias, apenas litografias. Então ficava a curiosidade em saber como eram as fotografias originais. Eu recuperei as fotografias e publiquei o *Álbum*,

o que considero uma contribuição interessante para elucidar dúvidas históricas.

Paulo Boni – É verdade que o senhor foi criticado pela proposta editorial do livro *O Brasil na fotografia oitocentista*?

Pedro Vasquez – O problema não foi exatamente com o livro em si, e sim com minha decisão em encerrar com ele esse período de trabalho em torno da história da fotografia. Muita gente não compreendeu bem minha decisão. Quando ao livro propriamente dito, eu o dividi em duas partes. A primeira é bastante informativa. Se você a retirasse e a publicasse em forma de livro, seria um bom livro sobre a história do período, sobre as peculiaridades técnicas, sobre o que vem a ser um daguerreótipo, um ambrótipo, um ferrótipo etc. Há uma preocupação muito forte com o leigo, pois as pessoas só encontravam essas informações em livros importados, caros e com restrição de acesso em razão da língua de origem. Tive a preocupação em mostrar isso de forma muito clara, para as pessoas entenderem esses processos. Na segunda parte, fiz os caminhos da fotografia no século XIX, sempre de forma muito respeitosa aos autores (fotógrafos), focalizando as diferentes veredas abertas pelos pioneiros da fotografia em nosso país. Em resumo, o livro em si funciona bem. Só que esse livro também representa um adeus e muita gente não compreendeu minha posição e criticou minha decisão de abandonar essa área.

Paulo Boni – Podemos esperar novos livros para breve?

Pedro Vasquez – Sim, mas não necessariamente sobre fotografia. Meu tema, na realidade, é um só – Brasil. O Brasil do ponto de vista de sua produção cultural. Assim, já fiz livros sobre cartões postais, sobre selos, já fiz exposições de pintura, de literatura de cordel, sobre Machado de Assis... O que me fascina é isso – o Brasil visto pelo prisma de sua cultura. A fotografia participa como uma linguagem privilegiada, porém não única. Escrevi também sobre cinema brasileiro e por aí afora. Acho que o que eu gosto mesmo é do impresso, o livro impresso me impressiona.

Paulo Boni – O senhor retornou ao Brasil em 1979. De 1979 a 2009, muita coisa mudou em relação ao resgate e preservação do patrimônio histórico no Brasil?

Pedro Vasquez – Mudou tudo. Este foi justamente o período da profissionalização. Como eu transito por vários ambientes, percebo que em todos ocorreu grande profissionalização, inclusive na academia. Neste sentido, o Brasil avançou enormemente na parte de conservação. Por sinal, esse amadurecimento contribuiu para que eu pudesse me desvincular da produção de livros história da fotografia. Isso porque quando comecei a atuar neste setor, só duas pessoas estavam fazendo o mesmo de forma sistemática, de modo que procurei contribuir para uma área que estava carente naquele determinado momento. Hoje em dia, na academia, eu nem sei quantificar o número de teses e dissertações que estão sendo produzidas em nível de doutorado e mestrado, respectivamente, além de pós-doutorado e livre docência, usando a fotografia como instrumento ou objeto de pesquisa. Então a fotografia foi completamente inserida na academia e na vida do cidadão comum. Isso já está resolvido, agora é só aprofundar. Acho que vivemos hoje o melhor momento da história de nossa fotografia, inclusive temos fotógrafos mundialmente conhecidos, como Sebastião Salgado, Miguel Rio Branco, Mário Cravo Neto, Rosângela Rennó e outros nomes de ressonância internacional. Vocês da Universidade Estadual de Londrina são um bom exemplo – há anos mantêm um sólido curso de especialização em fotografia e agora aprovaram um mestrado voltado para a área de visualidade, com predominância para a fotografia. Isso é um marco importante. Mas existem outras universidades Brasil afora abrindo espaço para a fotografia, como a Candido Mendes, a Federal Fluminense, e o Senac, com a primeira graduação em fotografia da América Latina.

Paulo Boni – A fotografia extrapolou a academia?

Pedro Vasquez – Acho que sim. Há acervos de fotografia em museus do mundo todo. Além dos acervos, os museus promovem

exposições fotográficas, ou seja, a fotografia extrapolou a academia, sim.

Paulo Boni – O senhor parece ter um carinho especial pelo Gilberto Ferrez.

Pedro Vasquez – Tenho mesmo. Primeiro porque ele foi uma das poucas pessoas que acreditou em mim quando eu estava começando. Segundo porque ele foi o precursor de dois novos ofícios – o de pesquisador especializado em fotografia e o de historiador de fotografia.

Paulo Boni – E esse carinho pelo Gilberto Ferrez não pode fazê-lo voltar atrás com relação à história da fotografia?

Pedro Vasquez – Hoje em dia a fotografia está presente em todos os setores da sociedade brasileira, com muito respeito, e com muitos trabalhos importantes sendo realizados. Por isso decidi abandonar esse campo e fiz *O Brasil na fotografia oitocentista* como meu adeus pessoal a esta área da fotografia. Existem hoje instituições como o Instituto Moreira Salles que podem congregam um grande número de pesquisadores em torno de um projeto único. E na academia você tem nomes fortíssimos guiando numerosos estudantes e dirigindo departamentos importantes. Em resumo – a história da fotografia está em boas mãos. A contribuição que podia dar, já dei, aquela sementinha que podia lançar, já lancei; agora estou atuando em outras áreas da fotografia e vou me dedicar, sobretudo, ao meu próprio trabalho como fotógrafo-autor.

Paulo Boni – Depois de mais de 20 publicações, o senhor sobrevive de livros?

Pedro Vasquez – Claro que não. Sou dos últimos representantes de uma geração com uma visão de mundo excessivamente romântica. Por quê? Nunca me preocupei com carreira e também nunca fiz nada apenas por dinheiro. Claro que eu vivo do meu trabalho, e tenho que

viver deste trabalho, pois não tenho outros recursos. Mas faço meu trabalho primeiramente por prazer e por acreditar em dias melhores e para tentar deixar uma contribuição para o país, pois acho que ninguém nasce em um país por acaso. Hoje em dia eu vejo muitas pessoas desestimuladas com o Brasil, dizendo que têm vergonha de serem brasileiros ou se lamentando por terem nascido aqui. Eu penso justo o contrário. Eu me orgulho de ter nascido aqui e acredito muito nesse país. Então, penso que preciso fazer o melhor possível para melhorar o país, tenho que oferecer contribuições concretas e não me limitar a ficar apenas reclamando. Descobri o nome dessa minha vocação graças a uma pessoa muito interessante, já falecida – Josune Dorronsoro. Foi ela quem criou o Departamento de Fotografia no Museu de Belas Artes de Caracas. Certa vez ela me disse – “Nós somos facilitadores”. Essa foi a primeira vez que eu ouvi essa expressão, há quase vinte anos, e me identifiquei plenamente com ela. É isso que eu procuro ser – um facilitador. Alguém interessado em ajudar o outro da forma que for possível.

Paulo Boni – Esta definição é muito boa...

Pedro Vasquez – É muito interessante. Durante os preparativos da exposição da Família Ferrez eu ministrei um treinamento de quatro horas contínuas para os monitores. Algumas pessoas me perguntavam – “Você não está cansado?” E eu não me senti cansado porque percebi que os monitores tinham um interesse muito grande pelo assunto, eles estavam apaixonados pela função de fazer a intermediação com o público, estavam acreditando no projeto. Então eles não estavam cansados e eu me entusiasmei em ajudá-los a se tornarem esses facilitadores. Os monitores são facilitadores para o público e eu exerci a função de facilitador para esses facilitadores. É uma corrente. Mas, voltando à sua pergunta, na verdade eu nunca consegui sobreviver de livros. Pelo contrário, para publicar alguns livros, eu me endividei. Eu disse que o Brasil se profissionalizou muito nos últimos trinta anos, mas a profissionalização do escritor ainda não ocorreu, tanto que

mesmo os romancistas autores dos raros *best-sellers* nacionais costumam ter profissões paralelas – costumam ser jornalistas ou professores, no mais das vezes.

Paulo Boni – Pedro, muito obrigado pela entrevista. E muito obrigado pelo seu trabalho sério e pelas contribuições à história e à fotografia.

Pedro Vasquez – Sou eu quem agradece. E espero continuar contribuindo na medida das minhas possibilidades.

Paulo Boni – Agora, só falta a fotografia. Alguém já lhe disse que você é uma pessoa difícil de fotografar?

Pedro Vasquez – Pois é. Mas quando se sabe que o retrato pode roubar a alma do fotografado...